

UM EVANGELHO REFORMADO

por Paul David Washer

O Evangelho que tem prevalecido na América hoje em dia quase já não é o Evangelho. É uma versão barata e diluída, útil para gerar membros de igreja, mas não muito boa para o Reino de Deus. O que esse evangelho diz sobre o homem é tão cauteloso que não ofende ninguém. O que diz sobre Deus é tão limitado que não incomoda ninguém. O que exige é tão brando que resulta em pouca convicção, não gera abandono do pecado e não faz nenhum apelo ao preço do discipulado.

Para o Cristianismo na América recuperar das doenças que o têm deixado no leito de morte, tem que ser recuperado o Evangelho pregado por Jesus e os apóstolos. Tem que ser recuperado um Evangelho que é sempre gratuito, mas nunca é barato. Tem que ser aprendido um Evangelho que é mais do que uma decisão humana; é o poder de Deus. Tem que ser pregado um Evangelho que não apenas tem o poder de salvar aqueles que o abraçam, mas que tem o poder de transformar todos os que são abraçados por ele.

Na nossa última edição da *HeartCry*, estudámos os elementos básicos do Evangelho: a impiedade do homem, a santidade de Deus, a condenação do nosso pecado pela Lei e a morte de Cristo na cruz, que comprou o povo de Deus e o resgatou de eterna destruição. Nesta edição iremos considerar o apelo do Evangelho e as evidências da sua obra. Por outras palavras, vamos considerar o que o homem deve saber e fazer para ser salvo.

O EVANGELHO MODERNO

O Evangelho de hoje em dia pode ser facilmente reduzido a algumas “leis espirituais”: (1) Deus ama-nos

e tem um plano maravilhoso para a nossa vida. (2) Nós pecámos e os nossos pecados separam-nos de Deus. (3) Cristo morreu pelos nossos pecados. (4) Devemos fazer a oração da fé e pedir que Jesus entre nos nossos corações e nos salve. (5) Se o pedirmos em fé, podemos estar certos de que fomos salvos. Se alguma vez duvidarmos da nossa salvação, devemos olhar para trás, para o momento em que fizemos essa oração da fé, e ter a certeza da salvação.

Antes de prosseguirmos é preciso dizer que este método de “partilhar” o Evangelho tem sido usado para tornar Cristo conhecido a milhões de pessoas e tem resultado na salvação de algumas. Também temos que dizer que o cristão que partilha isto é milhares de vezes mais útil a Deus do que aquele que conhece bem o Evangelho mas não tem a paixão de partilhá-lo. Contudo, também é preciso compreender que não é por causa desta forma de apresentar o Evangelho, mas sim apesar dela, que as pessoas são salvas. Existem grandes falhas na nossa apresentação moderna do Evangelho, que têm que ser corrigidas para que ele recupere a sua glória e poder.

UM EVANGELHO CENTRADO NO HOMEM

O Evangelho moderno começa com o homem, colocando-o claramente no centro do universo, como um ser de valor incalculável, por quem Deus esvaziaria os céus. Isto simplesmente não é verdade. É Deus que permanece no centro do universo e só Ele tem valor inerente e infinito. O homem, por outro lado, é um “fora-da-lei” no universo, um rebelde que odeia Deus e declarou guerra ao seu Soberano, um traidor que deseja o trono do seu Rei, uma criatura que anseia a

glória do seu Criador, um instrumento criado para louvor mas que busca ser adorado no lugar de Deus.

O verdadeiro Evangelho não começa pela importância do homem nem pelo plano de Deus para ele. O verdadeiro Evangelho começa por uma declaração da importância de Deus e da Sua própria glória. Alguém disse acertadamente que o Evangelho não começa pelas palavras “porque Deus amou o mundo...” mas pela declaração “no princípio Deus...”

Com isto não estamos a tentar diminuir ou menosprezar o amor de Deus. Na verdade, o amor de Deus é tão infinito que vai para além de qualquer tentativa humana de o definir ou medir. O que estamos a tentar fazer é simplesmente colocar as primeiras coisas em primeiro lugar. Deus não existe por causa do homem, mas sim o homem por causa de Deus. Não é o homem que é o tesouro do universo, mas sim Deus. E Deus não faz o que faz por causa do homem, mas sim por Ele mesmo, para Sua própria glória e pelo amor que tem ao Seu nome.

Hoje em dia diz-se muitas vezes que seria egoísta que Deus fizesse as coisas apenas por Ele mesmo e para Sua própria glória. Mas é absurdo pensar desta forma. Enquanto cristãos, crentes na Bíblia, ao que chamamos quando alguém atribui a alguma coisa mais valor do que a Deus, ou quando alguém delega Deus para segundo plano na sua vida? Chamamos de idolatria. Porquê? Porque há uma regra nas Escrituras, e na própria essência da criação, que declara que Deus está acima de todas as coisas e que as coisas existem por Ele. As Escrituras dizem acertadamente:

“Porque dele e por ele, e para ele, são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente. Amém.”
(Romanos 11:36)

Deus faz, com justiça, todas as coisas para Si mesmo, para a Sua glória e por amor ao Seu Nome. Se fosse de outra forma, o próprio Deus seria culpado de idolatria e o universo seria um caos. À luz do que foi dito, gostaríamos de alterar a “primeira lei espiritual” do Evangelho moderno; em vez de “Deus ama-nos e tem um plano maravilhoso para a nossa vida”, diríamos “Deus é o Criador e Senhor do universo, e importa-se

infinitamente com a Sua própria glória.”

UM EVANGELHO PARA OS DOENTES

A segunda “lei espiritual” do Evangelho moderno é que todos pecámos e que os nossos pecados separam-nos de Deus. O problema não é que esta lei esteja errada; no entanto, não vai longe o suficiente. Nós não apenas pecámos; nós somos pecadores. Não fazemos simplesmente coisas erradas; estamos errados. O Evangelho não são boas novas para os doentes ou para os que estão à beira da morte. O Evangelho são boas novas para os mortos.

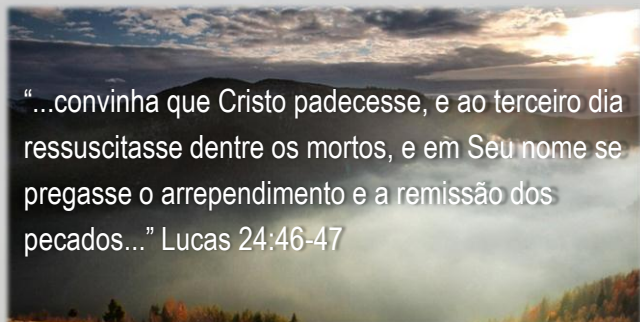
“...estando vós mortos em ofensas e pecados...”

Eféios 2:1

Muitas vezes é pregado que o pecador é como um homem doente, à beira da morte, que pode fazer pouco para se salvar, que Deus é o médico e o Evangelho o remédio. Deus está junto desse homem com uma dose de remédio e deseja salvá-lo, mas o homem tem que dar o primeiro passo. Ele deve responder à boa disposição de Deus abrindo a sua boca e recebendo o remédio. Isto é um absurdo. As Escrituras não dizem que o homem está doente de pecado; dizem que está morto pelo pecado. Um homem morto não pode responder a nenhum estímulo, não importa quão sensível ou sincero seja, e o homem pecador não pode e não vai nunca dar o primeiro passo para que Deus possa fazer o resto. A salvação não é uma decisão humana de aceitar a ajuda de Deus; é o poder de Deus, pelo qual o pecador é vivificado e lhe é dada a graça de se arrepender dos seus pecados e crer para salvação.

No Evangelho que pregamos não devemos simplesmente dizer que o homem pecou, mas que é um pecador, morto para a vida espiritual, sem a boa vontade necessária para obedecer a Deus e totalmente destituído de esperança, a não ser pela misericórdia de Deus. Temos que ensinar que, a menos que Deus se mova em favor do homem, ele morrerá nos seus pecados e passará a eternidade sob vingança divina. Temos que falar da grande necessidade que o homem tem de Deus e incitá-lo a clamar por misericórdia,

para que Deus faça o que ele próprio não pode fazer. Com base no que foi dito, gostaríamos de alterar a segunda “lei espiritual”; em vez de “pecamos e o nosso pecado separa-nos de Deus” diríamos antes “somos pecadores, de natureza e obras corruptas, espiritualmente mortos, debaixo da justa condenação de Deus e totalmente dependentes da Sua misericórdia.”



“...convinha que Cristo padecesse, e ao terceiro dia ressuscitasse dentre os mortos, e em Seu nome se pregasse o arrependimento e a remissão dos pecados...” Lucas 24:46-47

UM EVANGELHO NÃO EXPLICADO

A terceira “lei espiritual” do Evangelho moderno é que Cristo morreu pelos nossos pecados. Tal como a segunda lei, esta não está errada, de maneira nenhuma; mas muitas vezes é amputada ou fica por explicar. Quando partilhamos ou pregamos o Evangelho também temos que ensinar. A morte de Cristo significa muito pouco para o pecador se não for dada uma adequada explicação de porquê e como Cristo morreu. O homem perdido precisa mais do que alguns *clichés* cristãos; precisa de conhecer algo sobre de Deus. Hoje em dia ouvimos muito os ensinadores seculares e sociólogos falarem sobre a “estupidificação” da América, mas parece que o mesmo problema afetou a Igreja. Estamos convencidos de que teologia e doutrina não têm lugar na vida cristã e que, na verdade, ensinar doutrinas ou referenciar a teologia no nosso testemunho apenas irá atrapalhar a mensagem. Substituímos as grandes verdades da mensagem do Evangelho por historinhas, ilustrações fantásticas e pelo nosso próprio testemunho pessoal. Por favor, não entendam mal. Não sou contra nada que possa ajudar a comunicar o Evangelho aos homens, mas quando os meios se tornam a mensagem, e a mensagem deixa de ser falada é porque algo está muito errado. O que Deus fez na minha vida não é importante. O que tem a maior

importância é o que Deus fez em Cristo através da Sua vida e morte. Temos que mostrar aos outros que é de “máxima importância” que Cristo não apenas morreu por nós, mas que Ele viveu uma vida perfeita por nós; que Ele carregou o nosso pecado na cruz e tornou-se pecado no nosso lugar; que Ele sofreu a condenação de Deus por cada Lei de Deus que nós violámos; que Ele morreu no nosso lugar, separado da comunhão com Deus e esmagado sob o peso da ira de Deus; que a Sua morte paga a nossa dívida de pecado diante de Deus e dá salvação ao Seu povo; que a Sua vida perfeita nos forneceu uma dádiva de justiça pela qual podemos estar diante de Deus como verdadeiramente a justiça de Deus em Cristo.

Outro problema associado com o nosso ensino superficial da Cruz é que não há ênfase suficiente na Ressurreição. Temos que entender que um Evangelho que não dá lugar adequado à ressurreição não é Evangelho. Se Cristo não ressurgiu, ainda estamos mortos nas nossas transgressões e pecados. Qualquer um pode morrer num madeiro, mas só Deus pode ressuscitar. É a ressurreição que torna a história da Cruz num Evangelho (Boas Notícias) e que faz com que não seja mais uma tragédia de um bondoso herói que morreu para nada. É a crença na ressurreição que separa o fiel do infiel. Quando pregamos o Evangelho, temos que proclamar com grande alegria e convicção que Aquele que conquistou o nosso perdão através da Sua morte, ressuscitou dos mortos e vive para sempre. Porque a Sua história não terminou na cruz, a nossa não terminará num túmulo. Nós vivemos porque Ele vive; podemos morrer em esperança porque Ele morreu por nós; ressuscitaremos porque Ele ressuscitou! Isto é o Evangelho!

UM APELO QUE NÃO É BÍBLICO

A quarta “lei espiritual” do Evangelho moderno é que ao ouvir o Evangelho, o pecador deve fazer a oração da fé e pedir que Jesus entre no seu coração e o salve. Se ele pedir em fé, pode ter a certeza de que foi salvo. O problema com esta lei espiritual é que simplesmente não é bíblica. Não quero ser petulante nem exibir o

meu limitado conhecimento das Escrituras, mas pode encontrar-se nas Escrituras alguma passagem onde alguém é levado a fazer uma oração para aceitar Jesus? Muitas vezes Romanos 10:9-10 é usado para apoiar este meio de salvação: “Se com a tua boca confessares ao Senhor Jesus, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo...” Mas isto não é uma referência para levar alguém a fazer a oração do pecador; é simplesmente para colocar a sua fé em Jesus. Outras vezes Apocalipse 3:20 é usado para defender esta forma de convidar Cristo a entrar no coração: “Eis que estou à porta, e bato; se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo.” Mas isto não se refere minimamente a Cristo estar à porta do coração do pecador, esperando ser convidado a entrar. É uma referência ao facto de Cristo estar à porta da Igreja da qual foi expulso, por causa do orgulho, autossuficiência e independência.

Tendo partilhado o Evangelho com o perdido, o que devemos aconselhá-lo a fazer? Devemos simplesmente fazer como Jesus, como os profetas antes dEle, e como os apóstolos que O seguiram: dizer, até mesmo suplicar, em amor, que ele se arrependa dos seus pecados e creia no Evangelho. As Escrituras estão cheias de apelos assim:

“O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo. Arrependei-vos, e crede no evangelho.”
Marcos 1:15

“Mas Deus, não tendo em conta os tempos da ignorância, anuncia agora a todos os homens, e em todo o lugar, que se arrependam, porquanto tem determinado um dia em que com justiça há de julgar o mundo, por meio do homem que destinou; e disso deu certeza a todos, ressuscitando-o dentre os mortos.” Atos 17:30-31

“Testificando, tanto aos judeus como aos gregos, a conversão a Deus, e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo.” Atos 20:21

“Antes anunciei primeiramente aos que estão em Damasco e em Jerusalém, e por toda a terra da Judeia, e aos gentios, que se emendassem e se

convertessem a Deus, fazendo obras dignas de arrependimento.” Atos 26:20

Como se pode ver claramente, há dois temas comuns que atravessam os apelos do Evangelho nas Escrituras: arrependimento e fé. Não devemos chamar os homens a fazerem uma oração na qual simplesmente pedem que Jesus entre nos seus corações; devemos chamar os homens a arrependerem-se dos seus pecados e crerem no Evangelho.

Hoje em dia, na maioria das Igrejas Evangélicas americanas, é dito a homens, mulheres, rapazes e moças perdidos que façam uma oração se querem ir para o céu, quando lhes devia ser dito para se arrependerem dos seus pecados e confiarem em Cristo como Senhor e Salvador. Não é a oração que salva, mas um profundo arrependimento e fé sincera. Quantos hoje em dia são levados à oração do pecador e declarados salvos no momento em que dizem “amém”, mas que não se arrependeram, nem creram, nem as suas vidas foram transformadas? Não apenas lhes é dada uma falsa segurança, como essa falsa segurança muitas vezes os endurece para as verdadeiras exigências do Evangelho. Eles confiam na sua oração como se fossem palavras mágicas que lhes garantem a entrada no Reino, e tapam os ouvidos para a verdadeira pregação do Evangelho.

As Escrituras dizem claramente que os dois requisitos da salvação são arrependimento e fé, mas o que significam eles? Nas Escrituras, arrependimento envolve tanto as emoções como a vontade. Envolve as emoções na medida em que é a tristeza pelo nosso pecado que nos leva a deixá-lo. Isto pode ser visto nas palavras de Paulo à Igreja em Corinto:

“Agora folgo, não porque fostes contristados, mas porque fostes contristados para arrependimento... porque a tristeza segundo Deus opera arrependimento para a salvação, da qual ninguém se arrepende...” II Coríntios 7:9-10

O verdadeiro arrependimento que leva à salvação envolve as emoções, uma vez que há tristeza no coração do pecador ao perceber que violou a Lei

divina, ofendeu a Deus e está em risco de sofrer ira eterna. Esta tristeza é tão genuína, tão profunda que atinge a vontade do pecador e o compele a mudar da descrença para a fé, da apatia para o interesse, do ódio a Deus para o amor a Deus, da idolatria para o louvor, da rebelião para a submissão de boa vontade, da desobediência para a obediência.

O arrependimento é algo poderoso, que vai para além das capacidades humanas. De facto, o arrependimento causa uma mudança tão profunda no pecador que só pode ser atribuída à obra da graça de Deus na conversão. Em Ezequiel 36:26-27, Deus descreveu o arrependimento desta forma:

“E dar-vos-ei um coração novo, e porei dentro de vós um espírito novo; e tirarei da vossa carne o coração de pedra, e vos darei um coração de carne. E porei dentro de vós o meu Espírito, e farei que andeis nos meus estatutos, e guardeis os meus juízos, e os observeis.”

Depois de ler este texto, fica alguma dúvida de que o arrependimento que leva à salvação envolve uma transformação radical, que é desde o princípio até ao fim obra de Deus, e que sem esse arrependimento não há salvação?

O verdadeiro arrependimento é obra de Deus e é sempre acompanhado pela fé nas promessas de Deus. Portanto, na salvação o homem não só se arrepende como também crê. A verdadeira fé não é tão complicada como às vezes a fazemos parecer. É simplesmente crer que uma coisa é assim, porque Deus disse que era assim. É esta a definição de Hebreus 11:1:

“Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não veem.”

O homem que creu na salvação é aquele que espera a salvação e tem certeza dela, embora não a veja. Ou, usando o exemplo de Abraão em Romanos 4, a fé é estar certíssimo que Deus tem poder de dar a salvação que prometeu através do Seu Filho unigénito (v.21).

Meu querido amigo cristão, muitos têm sido salvos fazendo a oração do pecador, mas não por causa daquelas palavras nem por pedirem, mas por causa do

arrependimento e fé dados por Deus, que foram criados nos seus corações como resultado da conversão. Da mesma forma, muitos foram levados a uma falsa certeza da salvação só por terem dito todas as palavras corretamente, mas a conversão – bem como o arrependimento e fé que daí advêm – estão ausentes. À luz do que foi dito, gostaríamos de mudar a quarta “lei espiritual”; em vez de um convite ao pecador para fazer uma oração deveria ser um apelo para que se arrependa dos seus pecados e se volte para Deus através da fé em Cristo.

Tendo sido, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo.

Romanos 5:1



UMA FALSA SEGURANÇA

A quinta e última “lei espiritual” do Evangelho moderno toca naquilo que normalmente é chamado de segurança eterna. A lei é mais ou menos assim: se aquele que fez a oração do pecador algum dia duvidar da sua salvação, deve simplesmente olhar para trás no tempo, lembrar-se do dia em que fez essa oração e ter a sua salvação como certa. Às vezes é dito ao novo convertido que ele deve anotar o dia da conversão na sua Bíblia, para que, se as dúvidas o assolarem, ele possa ter o coração firme ao abrir a Bíblia e ver a data em que a sua salvação foi estabelecida. Mais uma vez, isto é absurdo e não é bíblico. Na verdade, é uma perigosa heresia que levou muitos ao caminho da destruição. A certeza da salvação não vem ao olhar para trás, para o dia em que alguém fez uma oração, mas advém de uma adequada análise da sua vida à luz das Escrituras para ver se existem evidências bíblicas de salvação. Ao lidar com a possibilidade de descrentes entre os coríntios, Paulo não lhes disse para olharem para o dia em que fizeram uma oração ou para a data assinalada nas suas Bíblias; ele disse-lhes para

olharem para as suas vidas no tempo presente:

“Examinai-vos a vós mesmos, se permaneceis na fé; provai-vos a vós mesmos. Ou não sabeis quanto a vós mesmo, que Jesus Cristo está em vós? Se não é que já estais reprovados.” (II Coríntios 13:5)

Para ter a certeza, não temos que olhar para uma data no passado; devemos, sim, olhar para as nossas próprias vidas no presente. Temos que questionar, a nós mesmos e à nossa profissão de fé. Nas palavras de João Batista, estamos nós a produzir frutos dignos de arrependimento (Mateus 3:8)? Como dizia Paulo, provamos o nosso arrependimento através das nossas obras (Atos 26:20)? Ou, nas palavras de Tiago, está a nossa fé morta, porque não é acompanhada de obras (Tiago 2:17)? Somos ociosos e estéreis no nosso conhecimento de Deus (II Pedro 1:8)? Confessamos que conhecemos a Deus mas negamo-IO com as nossas ações (Tito 1:16)?

Com base no que foi dito, gostaríamos de mudar a quinta “lei espiritual”; em vez de dizer àqueles que duvidam da sua salvação que olhem para o dia em que fizeram uma oração, devemos dizer-lhes que olhem para a sua vida no presente à luz das Escrituras. Se não houve transformação, nem há conformidade da sua vida com as Escrituras, se não há zelo genuíno nem amor a Deus, então não pode haver certeza de salvação.

AS CINCO LEIS ESPIRITUAIS REFORMADAS

Para terminar este breve artigo sobre o Evangelho e como o compartilhar com os perdidos, deixaremos aqui as cinco leis espirituais da forma como são habitualmente apresentadas e reformadas de acordo com o que demonstrámos:

(1) Deus ama-nos e tem um maravilhoso plano para a nossa vida.

Deus é o Criador e Senhor do universo e importa-Se infinitamente com a Sua própria glória.

(2) Nós pecámos e os nossos pecados separam-nos de Deus.

Todos os homens são pecadores, de natureza e obras

corruptas, espiritualmente mortos, estando sob a justa condenação de Deus e totalmente dependentes da Sua graça.

(3) Cristo morreu pelos nossos pecados.

Cristo viveu uma vida perfeita por nós. Carregou os nossos pecados na cruz e sofreu a condenação de Deus por cada Lei Sua que nós violámos. Ele morreu no nosso lugar, separado da comunhão com Deus e esmagado sob o peso da ira de Deus. A Sua terrível morte pagou a nossa dívida de pecado diante de Deus e traz-nos a salvação. A Sua ressurreição e vida perfeita fornecem-nos uma dádiva de justiça através da qual podemos permanecer diante de Deus como verdadeiramente a justiça de Deus em Cristo.

(4) O homem deve fazer uma oração de fé e pedir que Jesus entre no seu coração e o salve. Se ele pedir em fé, pode ter a certeza de que foi salvo.

O homem deve arrepender-se e crer no Evangelho. O arrependimento é uma tristeza genuína pelo pecado e medo do julgamento que resulta em afastamento do pecado e voltar-se para Deus. A fé é a simples confiança que Deus tem o poder e a boa vontade de dar a salvação que prometeu pelo Seu Filho unigénito.

(5) Se alguém duvidar da sua salvação, deve simplesmente olhar para o dia em que fez a oração do pecador e reivindicar a sua salvação.

Se alguém duvida da sua salvação, deve examinar a sua vida à luz das Escrituras. Se não houve transformação, se não há conformidade da sua vida com as Escrituras, se não há zelo genuíno nem amor a Deus, então essa pessoa não pode ter certeza de que foi salvo.

© HeartCry Missionary Society.

Website: www.heartcrymissionary.com

Original: Paul Washer; HeartCry – Jan-Fev 1998, 3, “A Reformed Gospel”, usado com permissão. Tradução e adaptação: www.material-cristao.webnode.pt

Imagens: stockxchng (não autorizadas a terceiros).